

# OUTRO PRESUMIDO E OUTRO REAL: REFLEXÃO METADISCURSIVA SOBRE O PROCESSO DE COCONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO DE ANÁLISE

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral<sup>1</sup>

Fernanda Taís Brignol Guimarães<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a coconstrução do percurso metodológico de análise do corpus de uma dissertação a partir da interação entre orientanda e orientador, à luz da teoria bakhtiniana. O corpus de análise foi outra dissertação, formada composicionalmente por cartas dirigidas a interlocutores típicos. O estudo objetivou mostrar que não é o texto em si que realiza o gênero, mas o projeto enunciativo do locutor e as relações enunciativas estabelecidas no contexto de enunciação. Os resultados revelaram a coconstrução de um percurso metodológico próprio que levou à compreensão da construção arquitetônica autoral da dissertação, respondendo positivamente à questão de pesquisa: se e como é possível que um trabalho constituído composicionalmente por cartas ditas pessoais realize arquitetonicamente o gênero dissertação, o que comprovou a tese inicial de que não é o texto que realiza o gênero, mas o projeto enunciativo e as relações enunciativas estabelecidas em dada enunciação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reflexão metadiscursiva; Interação orientanda-orientador; Coconstrução do percurso metodológico; Dialogismo; Gênero acadêmico não convencional

---

<sup>1</sup> Universidade Católica de Pelotas – UCPEL (Coordenador do Laboratório de Estudos Avançados em Linguagens - LEAL), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; Email: adail.sobral@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda no Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; Bolsista CAPES; Membro do LEAL – UCPEL, Pelotas-RS; Email: fernandabage@hotmail.com

## Supposed other and real other: A metadiscursive reflection about the process of coconstruction of an analytical procedure

### ABSTRACT

This paper aims at reflecting about the coconstruction, by means of the interaction between advisee and advisor, of a methodological procedure for analyzing the corpus of a dissertation according to Bakhtin's theory. The object was another dissertation, compositionally organized as a set of letters directed to typical interlocutors. The study aimed at showing that it is not texts in themselves that actualize genres, but the utterer's enunciative project and the enunciative relations in the context of enunciation. Results showed that coconstructing a methodological procedure led to understanding the dissertation's authorial architectural construction, and produced a positive answer to the research question: if and how it is possible that a work compositionally organized using personal letters actualizes architectonically a dissertation. Results also proved the initial hypotheses to be true, i.e., texts alone do not actualize genres; this is done by the enunciative project and enunciative relations established in a given enunciation.

**KEYWORDS:** Metadiscursive Reflection; Interaction advisee-advisor; Coconstruction of a methodological procedure; Dialogism; non-conventional academic genre

### Introdução

Um texto de pesquisa, como uma dissertação ou uma tese, é resultado de uma longa investigação, que envolve muita leitura, reflexão e debates, num processo específico de coconstrução do trabalho, estabelecido entre orientador e orientando, sem prejuízo da autoria deste. Com base num caso específico do complexo processo dialógico que se estabelece entre esses sujeitos ao interagirem durante o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica, focalizamos, neste artigo, o processo de coconstrução de uma dissertação de mestrado que tem como base teórica a Análise Dialógica do Discurso – ADD, de Bakhtin e o Círculo. Seguindo os pressupostos da ADD, sabe-se que o percurso metodológico de análise parte sempre do objeto, ou seja, Bakhtin não estabeleceu uma metodologia pronta para ser aplicada, mas sim um conjunto de pensamentos e reflexões que constituem os parâmetros de sua filosofia da linguagem.

Ao pesquisador bakhtiniano é dada a tarefa de aprender a ouvir o objeto, já que não há que se aplicar teorias a objetos indistintamente, mas, pelo contrário, o pesquisador deverá partir sempre do que o objeto requer e só então estabelecer um procedimento analítico que lhe seja adequado, atendendo a suas peculiaridades. Isso implica criar e/ou descobrir uma maneira específica de olhar para o objeto que lhe seja própria, a partir das bases teóricas e especialmente, da intenção de

pesquisa. Naturalmente, há diversas maneiras de se olhar para um mesmo objeto, de modo que uma análise não pode pretender abarcar todos os sentidos que dele ecoam.

Como se deu o processo de coconstrução de uma dissertação, como as estratégias de análise foram sendo definidas e como a autora descobriu, em parceria com o orientador, um caminho e uma maneira específica de olhar para o objeto, à luz da teoria bakhtiniana? Dedicamos nossa metareflexão a respeito da metodologia de análise da dissertação, a partir da descrição e reflexão sobre o processo de coconstrução do percurso metodológico a dar respostas a essa questão. O que propomos aqui não consiste em uma reprodução da análise desenvolvida na dissertação, mas em uma reflexão e avaliação sobre as escolhas e os caminhos percorridos para seu desenvolvimento, que levaram à sua concretização de acordo com o que o objeto requereu, podendo, em alguns momentos, apresentar recortes da análise como forma de exemplificação.

### **1 O percurso de realização do estudo: breve descrição<sup>3</sup>**

A dissertação sobre a qual refletimos neste artigo parte da concepção bakhtiniana da linguagem e busca compreender as relações existentes entre texto, discurso e gênero. Tomando o gênero pelo viés discursivo e não como estruturas fixas do texto, toma como objeto de estudo um exemplar de gênero acadêmico não convencional: uma dissertação<sup>4</sup>, que apresenta uma escrita atípica do gênero, uma vez que é formada composicionalmente por um conjunto de cartas endereçadas a interlocutores típicos. Nosso modo de ver o gênero tem como base a proposta bakhtiniana de que são as relações enunciativas que se estabelecem em dada situação de enunciação que determinam a escolha do gênero (cf. BAKHTIN, 2003), o que buscávamos comprovar com análise desse exemplar de gênero acadêmico não convencional.

Guimarães julgou necessário partir de uma reflexão a respeito dos dois principais pilares da concepção bakhtiniana da linguagem --o dialogismo e os gêneros do discurso -- com o intuito de mostrar que os gêneros nascem das relações dialógicas da língua e que, portanto, são mutáveis de acordo com as necessidades enunciativas dos falantes que os mobilizam no âmbito de dada esfera de uso da linguagem, não podendo ser reduzidos a meras textualidades, nem se prestam à fixidez de fórmulas e modelos pré-definidos. Julgou-se necessário também, a partir de autores como

---

<sup>3</sup> Defendemos o uso de numeração neste artigo tendo em vista a necessidade de indicar subitens (p. ex., 3.2.1). O uso de maiúsculas, negrito, itálico etc. nos pareceu prejudicial do ponto de vista da legibilidade das relações entre partes e subpartes na seção 3.

<sup>4</sup> A dissertação estudada, de Rosaura Angélica Soligo, foi defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp e tem por título "Quem forma quem? Instituição dos sujeitos".

Carlino (2006) e Castro (2008-2009,) discutir a construção composicional convencional dos gêneros acadêmicos, a fim de delimitar o que significa dizer que a dissertação estudada é não convencional. Propomos, ainda, uma discussão sobre os diferentes gêneros “carta”, a partir da definição de constelação de gêneros de Araújo (2006), devido à forma composicional da dissertação analisada.

Considerou-se importante ainda empreender uma reflexão sobre a pesquisa narrativa ou autobiográfica – metodologia utilizada pela autora da dissertação estudada –, bem como fazer uma contextualização sobre outros trabalhos acadêmicos não convencionais com que se teve contato durante a pesquisa, como forma de mostrar que a dissertação em questão não constitui caso isolado, ainda que não haja um número amplo de casos assemelhados.

Pensando na fixidez composicional dos gêneros acadêmicos, nos questionamos até que ponto esses gêneros podem ser mais “relativamente” do que “estáveis”, seguindo a definição bakhtiniana. Frente a esses questionamentos, chegou-se à questão central do estudo: a partir de uma perspectiva bakhtiniana, verificar se e como é possível que um trabalho constituído composicionalmente por cartas de cunho dito pessoal realize arquitetonicamente o gênero dissertação?

A hipótese principal do estudo envolveu, portanto, mostrar que mesmo sob outra forma composicional, a da carta, o que se realiza é uma dissertação de mestrado, uma vez que o “projeto de dizer” da dissertação estudada atende aos objetivos enunciativos de uma dissertação e não o de uma coletânea de cartas e, por conseguinte, mostrar que não é a forma textual que define o gênero, mas seu projeto enunciativo. Tendo sido estabelecido o *que* da análise, isto é, o objeto de pesquisa: a dissertação *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos* (a qual, a nosso ver, se mostraria suficiente para a comprovação da tese inicial, dado que se tratava de um estudo de caso), partiu-se para a definição do *como*, e esse foi nosso grande desafio. Saber ouvir o objeto e criar/descobrir um percurso metodológico adequado para sua observação e análise não constitui uma tarefa fácil.

Com o intuito de dar maior coerência ao estudo proposto, decidimos tentar empreender o que se estava descrevendo, uma vez que o modo de expor um tópico já é também o próprio objeto e, ainda, como bem pontua Varejão (2014, pp. 23-24), “a maneira de expor um tema já é conteúdo, circunscrito num ‘movimento aberto e inacabado da reflexão’”. Nesse sentido, decidimos aproximar, sempre que possível, a escrita da dissertação da escrita de um livro que mostrasse uma forma de estudar gêneros, a partir de um exemplo de análise dialógica e, assim, nos dirigir a dois

tipos de interlocutores: o acadêmico docente (avaliador do trabalho) e o acadêmico discente (a ser formado por ele). Estabelecido o modo de expor o tema, atentou-se às especificidades do objeto para estabelecer pontos-chave que permitissem entender sua construção arquitetônica autoral, que a inscreve em um exemplar de gênero acadêmico não convencional. Vejamos como se deu a coconstrução da proposta metodológica a que se chegou.

## **2 Planos discursivos e planos de análise: a definição do percurso metodológico**

Da perspectiva de sua construção arquitetônica autoral, percebemos dois planos discursivos em sua constituição, a partir dos quais a pesquisadora assumia duas posições enunciativas e se dirigia a dois tipos de interlocutores. Essa reflexão foi crucial para desenvolver o percurso metodológico, pois nos levou aos três planos de análise do mais amplo ao menos amplo: 1. Projeto enunciativo; 2. Posições enunciativas e 3. Projeto arquitetônico. Assim, nossa intenção foi a de partir da observação do mais amplo, isto é, do projeto enunciativo da obra analisada, a fim de refletir sobre as posições enunciativas assumidas pela pesquisadora, para então chegar à compreensão a respeito do projeto arquitetônico, que resultou em sua construção arquitetônica autoral.

Comprendemos, desse modo, que a partir do projeto enunciativo de ser lida para além da banca examinadora e, assim, contribuir para a área da educação, Soligo assumia duas posições enunciativas: a de pesquisadora – que se dirigia ao destinatário real (banca examinadora, academia) – e a de professora – que se dirigia ao destinatário suposto (professores, diretores de escolas, gestores dos sistemas de ensino e demais possíveis leitores do texto)<sup>5</sup>e, a partir daí se construiu a arquitetônica autoral da dissertação, com marcas de narrativa e a forma composicional de cartas ditas de cunho pessoal. As diferentes posições enunciativas e o endereçamento a dois tipos de destinatários determinaram, portanto, a construção arquitetônica autoral do texto.

É importante ressaltar que os três planos de análise mencionados se mostram indissociáveis e que, portanto, não foi nossa intenção olhar para eles de forma fragmentada, mas sim refletir sobre as relações dialógicas estabelecidas entre as partes de modo a compreender seu funcionamento na construção do todo discursivo que constitui a obra analisada. Além disso, entendemos que os dois últimos (posições enunciativas e projeto arquitetônico) agem na construção do primeiro (projeto enunciativo), o qual se mostra como elemento globalizante, ou seja, a partir do projeto enunciativo

---

<sup>5</sup> Para a definição dos dois tipos de interlocutores presentes no discurso da dissertação analisada: o “destinatário suposto” e o “destinatário real”, recorremos ao estudo de Amorim (2002) sobre vozes do texto.

o locutor assume determinada posição enunciativa e organiza arquitetonicamente o dizer. Não há um elemento sem o outro.

Devido a outro objetivo de nossa escrita, o de aproximar didaticamente à escrita de um livro, optamos por seguir a sequência de análise proposta por Brait (várias datas) e atualizada em Sobral (2006; 2009), de descrição, análise e interpretação. É importante lembrar que as ações de descrever, analisar e interpretar, embora possam suscitar certa fragmentação, se pensadas isoladamente, também não acontecem de forma fragmentada, conforme indica Sobral (2009, p. 137 [grifos no original]): “não há propriamente uma divisão, exceto se a pensarmos como recurso de ‘demonstração’ do percurso de abordagem do objeto”. Apresentado o percurso metodológico adotado, vejamos, na próxima seção, como se deu seu desenvolvimento.

### 3 A coconstrução de uma proposta de análise dialógica a partir das especificidades do objeto

Para compreender a construção arquitetônica autoral da dissertação analisada, percebemos que seria necessário comparar sua escrita atípica com a estrutura convencional de dissertações e teses, o que fizemos baseados na definição de Carlino (2006) a respeito da estrutura dos gêneros acadêmicos – IMRDrb, ou seja, Introdução, Método, Resultados, Discussão e Referências Bibliográficas. Assim, Guimarães chegou à construção do seguinte mapeamento:

Seções da dissertação analisada com a designação dada pela autora	Seções comumente encontradas em trabalhos acadêmicos convencionais, correspondentes a cada parte da dissertação analisada (com exceção de alguns itens acrescentados pela autora)
Índice	Índice
Carta aos colaboradores	Agradecimentos
Resumo	Resumo
Abstract	Abstract
Carta à academia	Justificativa pela escolha da carta como forma de registro da pesquisa
Carta aos destinatários	Introdução
Correspondência I	Referencial Teórico
Correspondência II	Metodologia
Correspondência III	Relato sobre a banca de qualificação
Correspondência IV	Relato sobre os “bastidores” da pesquisa
Correspondência V	Análise dos dados
Correspondência VI	Considerações Finais
Correspondência VII	Referências Bibliográficas
Correspondência VIII	Anexos
Posfácio sobre a defesa	Posfácio sobre a defesa

Quadro 1 – Mapeamento da estrutura da dissertação *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos* com relação à estrutura típica de trabalhos acadêmicos convencionais

Fonte: Recorte da página 163 da dissertação *Uma análise dialógica da arquitetônica do gênero acadêmico*  
*dissertação: estudo de caso*

O mapeamento descrito pôde ser validado a partir da análise, que comprovou a correlação entre a organização sequencial das cartas da dissertação analisada e as seções de uma dissertação convencional. Feito isso, era o momento de pensar uma maneira de olhar para as cartas, de modo a responder nossa questão inicial: se e como é possível que um trabalho formado composicionalmente por cartas de cunho dito pessoal realize arquitetonicamente o gênero acadêmico dissertação. Estabelecemos, portanto, dois momentos de análise: 1) Análise da “Carta aos colaboradores” (Agradecimentos) e 2) Análise das cartas da dissertação em geral.

Justificamos essa divisão frente à constatação de que a seção de agradecimentos de uma dissertação, embora faça parte da estrutura convencional do gênero, não constitui o conteúdo em si, permitindo maior flexibilidade de escrita, mas que nem por isso isenta o pesquisador de seguir certa ordem, identificada como: 1. Institucional/Órgãos institucionais – no caso de bolsas e auxílios; 2. Pessoal – parentes, amigos, colegas etc. e 3. Representantes institucionais – orientador e membros da banca examinadora; o que leva ao emprego de tons mais ou menos formais.

### **3.1 A análise da “Carta aos colaboradores”**

A análise da “Carta aos colaboradores” revelou o que é comumente encontrado na seção de agradecimentos de dissertações e teses, embora não siga exatamente a ordem sugerida. A partir de marcas da carta e de narrativa, observa-se uma alteração no tom da seção, mas não em sua finalidade enunciativa. Como aspectos que apontam para a existência de uma “não carta”, destacam-se: a presença de título “Carta aos colaboradores”, que consiste em uma marca típica das seções de trabalhos acadêmicos; o formato da data, que compreende um longo período de tempo “Campinas, fevereiro de 2006 a julho de 2007”, apontando talvez para o tempo de colaboração desses sujeitos para com a pesquisa;

O vocativo “Caríssimos colaboradores” aponta para um endereçamento coletivo e interpela os interlocutores, dando um tom de proximidade que altera o tom de agradecimentos, já que apresenta uma interlocução direta, que abrange a todos indistintamente. Mas, esse tom é quebrado pela presença tanto de interlocutores com quem a pesquisadora tem uma relação mais próxima como de representantes institucionais. As marcas de narrativa e o uso de apelidos e nomes no diminutivo também contribuem para essa tentativa de se aproximar do tom de uma carta pessoal. Porém, percebe-se que há certa oscilação entre o uso de formas da carta e o uso de formas do gênero acadêmico, sendo este último o que predomina. O uso de epígrafe é um exemplo disso, já que é uma

marca estranha à carta e, embora não seja encontrada comumente na seção de agradecimentos, constitui-se como forte característica dos gêneros que fazem parte da esfera acadêmica.

O emprego alternado ora de marcas da carta e de narrativa, ora de marcas do gênero acadêmico, faz com que se crie uma construção híbrida, mas não altera o projeto enunciativo, o qual continua a realizar uma seção de agradecimentos de uma dissertação. Quanto ao endereçamento, é importante ressaltar que a “Carta aos colaboradores” é a única que se destina realmente a quem diz que se destina. As demais cartas possuem diferentes destinatários. Como dissemos, a base da análise são os dois tipos de destinatários definidos por Amorim (2002) – o suposto e o real.

### **3.2 A análise das outras cartas da dissertação**

Percebemos uma característica comum a todas as outras cartas, com destaque para as especificidades da “Carta aberta”. Todas elas possuem vários destinatários. O que reforça as características da “Carta aberta” é o fato de não se tratar de conteúdo destinado a um contexto privado, pois o projeto de dizer da pesquisadora visa levar o texto a ser lido para além da banca examinadora, de modo a alcançar o maior número de interlocutores possíveis e, assim, trazer contribuições para a área da educação.

Essas características tornaram necessário estabelecer alguns elementos de análise que funcionassem como pontos-chave para o entendimento das especificidades do todo discursivo da obra. Os elementos-chave foram: 1) posição enunciativa e endereçamento do discurso; 2) o uso das formas composicionais da carta e o tom do discurso; 3) as marcas de narrativa e o tom do discurso; 4) o tom das cartas e as seções típicas do gênero acadêmico dissertação; 5) as marcas linguísticas e enunciativas responsáveis por revelar a significação e o tema; 6) as diferentes vozes presentes/constituintes no/do discurso e 7) os elementos de intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade envolvidos na construção da arquitetura autoral da dissertação. Vamos agora descrever sua análise e os resultados a que se chegou.

#### **3.2.1 A posição enunciativa e o endereçamento do discurso**

A presença de duas posições enunciativas assumidas na construção discursiva da obra, a de pesquisadora e a de professora, nos impôs analisar como acontecia o endereçamento desses dois planos enunciativos: o da pesquisadora, que se dirigia ao destinatário real – a academia, e o da professora, que se dirigia ao destinatário suposto – gestores dos sistemas de ensino, professores, diretores de escola e demais possíveis leitores do texto, conforme veremos a seguir.

### Os vocativos e o modo de endereçamento explícito das cartas: o destinatário suposto

Assim como no mapeamento das cartas que compõem a dissertação, também fizemos um mapeamento<sup>6</sup> dos vocativos que abrem cada carta. Sua análise revelou marcas valorativas capazes de indicar como se deu a construção do discurso da pesquisadora. Por exemplo, percebemos que na escrita das três primeiras cartas correspondentes a seções típicas de trabalhos acadêmicos convencionais – Carta aos destinatários (Introdução); Correspondência I (Referencial Teórico) e Correspondência II (Metodologia) – o vocativo utilizado é o mesmo “Caros gestores dos sistemas de ensino e profissionais responsáveis pela elaboração e implementação de políticas de formação”, sendo que na correspondência II há uma pequena alteração “Caros gestores dos sistemas de ensino e demais educadores”. Esses são os principais destinatários das cartas apontados explicitamente pela pesquisadora, lembrando que de forma implícita (mas real) o destinatário do discurso como um todo é a academia.

Notamos, no entanto, que ao passar para a escrita das seções atípicas do gênero acadêmico: Correspondências III e IV – as quais consistem em cartas que não correspondem a nenhuma seção comumente encontrada em trabalhos acadêmicos convencionais, devendo sua inclusão à continuidade da narrativa que vem sendo contada por Soligo em sua dissertação –, a pesquisadora marca, mesmo que inconscientemente, essa quebra da lógica de escrita convencional ao alterar o vocativo para apenas “Caros educadores”, o que se mantém posteriormente, quando a escrita retorna a lógica acadêmica.

Outro ponto importante é o uso do termo “educadores” nas cartas em que Soligo está tratando de conteúdos que dizem respeito aos dados analisados em sua dissertação (a pesquisadora analisa memoriais de formação de autoria de professores), e, ainda, para a maior ou menor ênfase que a pesquisadora dá, por meio do vocativo, para conteúdos de maior ou menor grau de importância para os educadores. Soligo utiliza, por exemplo, “Caríssimos educadores” quando trata de conteúdos relacionados aos educadores, como acontece na “Correspondência VI”, momento em que ela compartilha os “achados” da pesquisa. Já na carta que apresenta as referências bibliográficas do estudo, Soligo utiliza como vocativo o termo “Prezados educadores”, demonstrando menor ênfase no chamamento dos educadores para o conteúdo da carta.

---

<sup>6</sup>Não iremos reproduzi-lo aqui devido ao espaço deste artigo.

### **A justificativa e a posição enunciativa de acadêmica: o destinatário real**

A escrita da “Carta à academia” se revela como um dos principais indícios de que o gênero real é uma dissertação e não um conjunto de cartas. Nesta carta, a pesquisadora justifica a escolha pelo registro não convencional de sua pesquisa. Em se tratando de cartas reais, essa justificativa não faria sentido algum. A inclusão da justificativa deixa claro o discurso dirigido à academia, embora apresente outra forma composicional e esteja endereçado explicitamente a outros interlocutores.

A justificativa da pesquisadora se revela como uma resposta antecipada, ou seja, o locutor (a pesquisadora) e seu interlocutor real (a academia) partilham de um dado conhecimento a respeito do gênero (de como deve ser sua escrita convencional). Ao alterar essa forma de apresentação (esperada), a pesquisadora prevê a desaprovação de seu interlocutor (a banca examinadora) e então, como resposta antecipada a essa desaprovação, apresenta uma justificativa (a “Carta à academia”). Além disso, esse tipo de justificativa é uma característica marcadamente acadêmica.

#### **3.2.2 O uso das formas composicionais da carta e o tom do discurso: modos de interlocução**

##### **O vocativo e o tom do discurso**

O emprego do vocativo altera o tom do discurso, uma vez que dá um tom menos formal, dirigindo os interlocutores para o que está sendo dito. Um bom exemplo disso é a “Carta aos destinatários”, dirigido explicitamente aos gestores dos sistemas de ensino (destinatário suposto) sem perder de vista o destinatário real (a academia). Assim, ao tratar da ineficácia dos cursos de formação promovidos pelas Secretarias de Educação, por exemplo, Soligo endereça diretamente seu discurso a esses interlocutores, por meio do uso do vocativo, na forma de um chamamento desses profissionais para os problemas da educação. Isso, de certa forma, torna o discurso como uma reivindicação ou, até mesmo, uma denúncia desses problemas no sentido de que algo seja feito.

Outro momento que ilustra o direcionamento direto do discurso é quando a pesquisadora apresenta as recomendações da pesquisa. As recomendações são endereçadas da seguinte forma: “Aos que pensam e fazem as políticas de educação e de formação de educadores”. Logo em seguida, tem-se duas listas, uma com os problemas detectados e outra com as possíveis soluções para esses problemas. Neste momento, torna-se ainda mais claro o tom de denúncia para que algo seja feito. Ao final da seção, a pesquisadora marca sua posição de autoridade para falar sobre o assunto, com o acréscimo do enunciado “FORMADORA E PESQUISADORA”, logo abaixo de seu nome, posto em letras maiores e, portanto, em destaque.

### **As formas de despedida das cartas e o tom do discurso**

Ao final de cada carta, a pesquisadora apresenta um pequeno texto seguido de uma saudação, como é comum de encontrar em uma carta. Nota-se, no entanto, que em algumas cartas esse texto ao invés de dirigir-se aos interlocutores supostos, se apresenta na verdade como uma forma de conexão entre uma carta e outra, como acontece nos capítulos de trabalhos acadêmicos, como dissertações e teses, em que se dá um fechamento ao capítulo atual e se anuncia o assunto que será tratado no próximo. Portanto, não são cartas independentes, o que mostra que, embora a pesquisadora empregue as formas da carta, ela acaba sempre “resvalando” na lógica do gênero acadêmico, deixando prevalecer as suas formas de endereçamento.

Chamamos atenção ainda para a escrita do final da “Correspondência III”, em que Soligo apresenta a leitura da “Correspondência IV” como opcional, dizendo que a leitura ou não dessa correspondência não implicará prejuízo para o entendimento do todo, pois a carta apenas trará informações adicionais ao leitor. Com esse enunciado, a pesquisadora admite novamente que não se trata de cartas independentes, mas que há sim correlação entre elas na construção do todo discursivo. Esse é outro indício de que se trata, na verdade, de capítulos de uma dissertação e não de uma coletânea de cartas.

Além disso, parece haver uma separação entre o uso das formas da carta e a lógica da escrita acadêmica, que se evidencia no momento em que os vocativos e as formas de despedidas utilizadas são mais formais em seções em que poderá haver uma escrita menos formal, como é o caso da carta aos destinatários (introdução), por exemplo. Isso parece decorrer de a carta aos destinatários ser endereçada aos gestores dos sistemas de ensino, por isso o uso do vocativo e da saudação mais formais. Porém, o discurso presente nessa carta é o típico de uma introdução e por isso menos formal. Assim, nota-se que o uso das formas composicionais da carta não determina o aspecto discursivo do texto, que é de dissertação. O fato de em uma mesma carta haver formalidade no modo de endereçamento e a escrita de um texto menos formal indica que há essa distinção entre o emprego das formas composicionais da carta e o aspecto discursivo materializado através do texto, o que revela que o uso das formas da carta, na verdade, não altera o discurso, que se mantém como um discurso acadêmico.

### 3.2.3 O tom das cartas e as seções típicas do gênero acadêmico dissertação

Retomando a estrutura dos gêneros acadêmicos proposta por Carlino (2006), IMRDrb (Introdução, Método, Resultados, Discussão e Referências Bibliográficas), bem como o mapeamento que fizemos a respeito das cartas da dissertação, percebemos que a posição das cartas segue à lógica das seções de uma dissertação convencional. Ainda que algumas cartas não correspondam a seções típicas do gênero, a inclusão delas não desfaz a sequência típica. A correlação entre as cartas da dissertação permitiu encontrar marcas discursivas que ajudaram a comprovar a presença da “lógica” de escrita de um gênero acadêmico.

Na construção das cartas que correspondem a seções que exigem menos formalidade, como a introdução, a metodologia etc., há fortes marcas da carta e de narrativa, mas isso é menos encontrado em seções mais formais, como o referencial teórico, por exemplo. Identificamos um tom de introdução na escrita da “Carta aos destinatários”, em que a pesquisadora ao passo que dá início à narrativa, também introduz o tema de sua pesquisa e contextualiza a delimitação do objeto de investigação, além de apresentar os objetivos da pesquisa e as motivações do estudo. O tom de referencial teórico aparece na escrita da “Correspondência I”, em que há poucas marcas de narrativa e o discurso que prevalece é o discurso acadêmico (DA). De acordo com Castro et. al., o DA é constituído por predominância de descrição com propósitos persuasivos e didáticos; discurso explicativo fundado em demonstrações e justificativas; aspecto referencial, conceitual, em que há definição, classificação e explicação; discurso autorizado sobre o que trata etc., o que observamos na escrita da “Correspondência I”. O discurso autorizado sobre o que trata, por exemplo, pode ser identificado a partir das inúmeras citações presentes na construção dessa correspondência. Ao longo de 14 páginas aparecem 12 citações recuadas, além das citações feitas no corpo do texto.

A Metodologia, por sua vez, é construída a partir da escrita da “Correspondência II”, que, apesar de seguir uma construção bastante atípica – pois, tem uma extensão bem mais longa que a normalmente encontrada em seções metodológicas convencionais, já que nessa correspondência além do percurso metodológico, a pesquisadora relata sobre várias outras questões que a levaram a desenvolver sua pesquisa – é possível encontrar várias marcas de uma seção de metodologia no momento em que a pesquisadora descreve os instrumentos utilizados para a análise dos dados e faz um detalhamento a respeito dos instrumentos adotados, a partir de uma contextualização sobre os procedimentos de análise. Já as “Correspondências III e IV” constituem-se como seções atípicas do

gênero acadêmico dissertação, acrescentadas como forma de dar continuidade ao “contar história”. Apresentam-se como “capítulos da história” e tratam do que a pesquisadora considera que não poderia ficar de fora do relato a respeito do estudo. Essas são seções não comumente encontradas em dissertações convencionais, como é o caso também do Posfácio sobre a defesa.

O tom de análise dos dados é identificado na “Correspondência V”. Novamente a pesquisadora cria uma seção bastante atípica. Soligo inicia a seção com um longo relato sobre a experiência de análise dos memoriais de formação. Relata sobre as dificuldades iniciais, sobre os encaminhamentos e estratégias adotados antes e durante a análise, além de retomar e ampliar os procedimentos metodológicos da pesquisa. Porém, ainda assim realiza-se uma seção de análise dos dados, o que conseguimos comprovar a partir da observação de elementos discursivos típicos desse tipo de seção. Soligo parte da análise de um memorial em específico (o qual é reproduzido na íntegra), pois, para ela, esse texto é o que se mostra mais emblemático. A seguir, a análise é dividida em quatro subitens, que iniciam reiteradamente com o emprego do subtítulo entre colchetes [O que dizer disso tudo quem me diz/em?]. A partir desses subitens, a pesquisadora inicia sempre pela análise do memorial mais emblemático e, em seguida, analisa fragmentos dos demais memoriais.

Por fim, encontramos o tom de considerações finais na escrita da “Correspondência VI”, a qual se divide em quatro fragmentos, o que ocorre devido ao tom de narrativa dado à dissertação analisada. Porém, ainda que haja o acréscimo de mais três textos: Segundo Fragmento (Recomendações); Terceiro Fragmento (Sobre a autora) e Nota Final (PS sobre a lição principal), a escrita desses textos não altera o tom de considerações finais identificado no primeiro texto (Primeiro Fragmento – Sobre os achados da pesquisa). Nesse texto, há a retomada e a discussão das questões de pesquisa, das hipóteses, das impressões e convicções da pesquisadora, de alguns conteúdos da pesquisa, enfim, a estrutura desse fragmento corresponde claramente à estrutura típica de uma seção de considerações finais de uma dissertação ou tese convencional. Na construção das “Correspondências VII e VIII, identificamos as Referências Bibliográficas e os Anexos, em que não há muita atipicidade. A forma composicional é basicamente a mesma encontrada em uma dissertação convencional, com a única diferença de possuir uma carta de apresentação para cada uma delas.

### 3.2.4 As marcas linguísticas e as marcas enunciativas responsáveis por revelar a significação e o tema

Chamamos atenção, neste item, para as datas que não seguem o formato padrão de uma carta. Segue-se uma ordem sequencial, linear, que marca todo período da pesquisa. A data da próxima carta sempre inicia no mesmo mês em que terminou a carta anterior ou no mês subsequente<sup>7</sup>. É importante ressaltar também que as datas de algumas cartas possuem períodos mais longos, marcando dois, três meses e outras marcam apenas um mês. Isso pode ser um indício a respeito do tempo de escrita de cada carta (capítulo). Como sabemos a escrita de um referencial teórico, por exemplo, é mais demorada do que a escrita de uma introdução.

O uso da barra (2006/2007) na data da carta que corresponde às referências e da conjunção “e” (2006 e 2007) para os anexos mostra-se como um indício de que as referências dizem respeito aos dois anos de pesquisa e de que existem anexos referentes apenas ao ano de 2006 e anexos referentes apenas ao ano de 2007, por isso o uso da conjunção “e” indicando adição. O mês que aparece na data do posfácio sobre a defesa(outubro) indica uma escrita posterior ao término da pesquisa (julho).

Os títulos, que inicialmente são construídos a partir do emprego da palavra “carta”: “Carta aos destinatários” (Introdução), por exemplo, ao passar para a escrita dos capítulos da dissertação, se alteram para a palavra “correspondência”. A nosso ver, a palavra correspondência possui um tom mais formal. Isso se mostra como uma marca linguística, que, ao ser avaliada a partir da situação de enunciação, revela-se como uma marca enunciativa capaz de mostrar que houve alteração na escrita. A pesquisadora, mesmo que de forma inconsciente, marca essa alteração do tom de escrita a partir da troca da palavra “carta” para “correspondência”.

As notas de rodapé e as epígrafes, que são marcas do gênero acadêmico, mas aparecem de modo não convencional nas cartas. Quanto às epígrafes, destacamos sua inclusão nos agradecimentos, o que não é comum no gênero. Já as notas de rodapé têm sua numeração renovada a cada carta, como forma de confirmar uma não correlação entre as elas. Porém, essa tentativa de construir cartas isoladas é quebrada, por exemplo, quando existe referência à próxima carta no texto

---

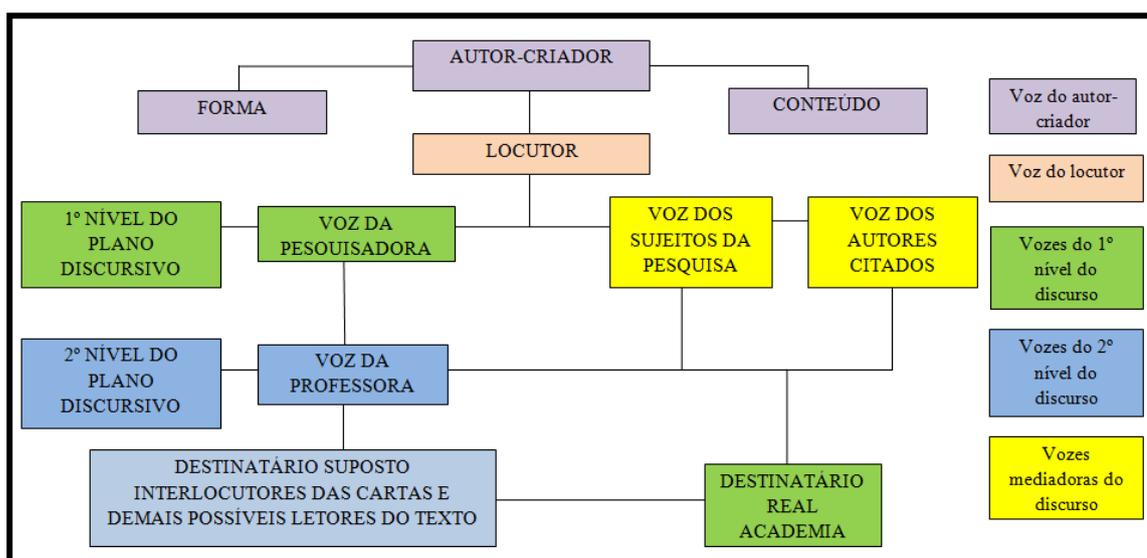
<sup>7</sup> Exceto nas cartas que correspondem aos agradecimentos, às referências e aos anexos, em que a data marca todo período de pesquisa.

final da carta anterior ou quando há a inclusão de uma carta cuja leitura é opcional, sem prejuízo do entendimento do todo discursivo.

### 3.2.5 As diferentes vozes presentes/constituintes no/do discurso

A construção composicional híbrida dessa dissertação faz emergir uma multiplicidade de vozes, que se combinam e se organizam diferentemente do que é tipicamente encontrado em trabalhos acadêmicos convencionais. Conforme Bakhtin, todo enunciado é dialógico, no sentido de que dele ecoam pelo menos duas vozes: a do locutor e a do interlocutor, para quem o discurso é dirigido. O destinatário, portanto, influencia fortemente a forma arquitetônica do discurso, que, por sua vez, determina a forma composicional que realiza materialmente o dizer. Nessa mesma linha, Amorim (2002, p. 12) diz que de acordo com o "(...) nível composicional, (...) as vozes podem se dar mais ou menos (...) a ouvir. Da maneira pela qual o texto é escrito e composto, ele pode vir a representar mais vozes ou (...) a fazer esquecer a dimensão de alteridade do seu dizer".

No caso da dissertação analisada pode-se dizer que sua forma arquitetônica autoral – a maneira como seu conteúdo é organizado – e a forma composicional atípica – a maneira como o material textual, por meio do qual o discurso se realiza, é organizado – dão ao texto um alto grau de dialogismo. A chave para as respostas que buscávamos estava nos conceitos de destinatário suposto e destinatário real, de Amorim (2002) e na forma composicional atípica da dissertação de Soligo (2007). Para ilustrar a organização peculiar dessas vozes construímos o seguinte quadro:



Mapeamento das vozes constituintes da dissertação. Fonte: Recorte da página 215 da dissertação *Uma análise dialógica da arquitetura do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso*

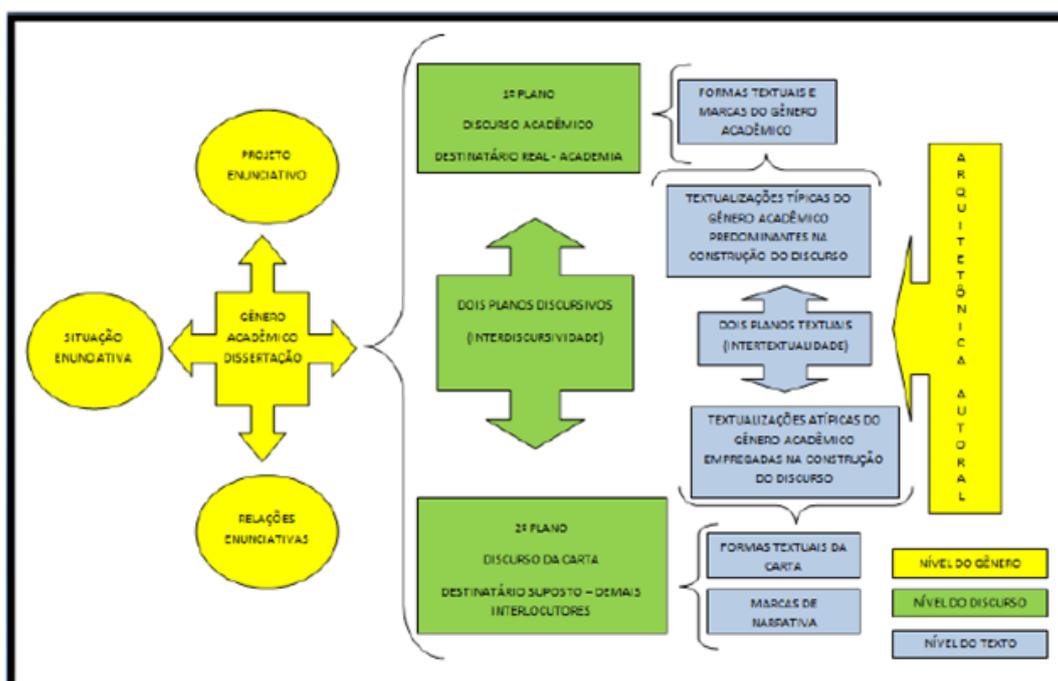
A respeito da organização das vozes, representada na figura acima, seguimos a definição de Amorim quando diz que “a voz do autor concerne um lugar enunciativo e como tal ela é portadora de um olhar, de um ponto de vista que trabalha o texto do início ao fim”, portanto, forma e conteúdo se organizam a partir do posicionamento valorativo do autor. Amorim (2002, p. 10-11) afirma ainda que a voz do autor “não está naquilo que relata o locutor, por mais sincero que ele possa parecer”. Já Bakhtin afirma que essa voz “está em todo lugar e em nenhum lugar em particular. Mais precisamente, ela pode ser ouvida ali, no ponto crucial de encontro entre a forma e o conteúdo do texto”. Por esse motivo é que decidimos representar a voz do autor-criador, na figura, entre a forma e o conteúdo. Amorim (2002) distingue a voz do autor da voz do locutor “aquele que diz ‘Eu’ no interior do texto (ou que diz ‘Nós’ ou ‘se’ da terceira pessoa)”. Enquanto a voz do autor é um lugar enunciativo, “o locutor é sempre um personagem”, na definição da autora. Portanto, apresentamos a voz do locutor, na figura, logo abaixo da voz do autor-criador e acima das demais vozes do discurso, as quais são organizadas pelo autor-criador e apresentadas/representadas pelo locutor dentro do texto.

A partir daí percebemos que o plano discursivo da dissertação analisada está dividido em dois níveis, de modo que o discurso é dirigido a dois tipos de destinatários: o suposto e o real, a partir de duas posições enunciativas assumidas pela autora: a de pesquisadora e a de professora. No primeiro nível tem-se a voz da pesquisadora que fala à academia – destinatário real e mobiliza o que chamamos de vozes mediadoras do discurso (vozes dos sujeitos de pesquisa e dos autores de referência citados no texto). E, no segundo nível, tem-se a voz da professora que fala aos gestores dos sistemas de ensino, professores, diretores de escola e demais possíveis leitores do texto – destinatário suposto. No entanto, o discurso que prevalece é o discurso da pesquisadora, que se dirige a seu destinatário real: a academia, como vem mostrando a análise.

Há também uma organização peculiar no que diz respeito às vozes mediadoras do discurso (sujeitos de pesquisa e autores citados), não encontrada em dissertações e teses convencionais. Pode-se dizer que essas vozes se encontram em um mesmo nível na construção do todo discursivo que constitui a dissertação analisada. Isso porque, a pesquisadora utiliza a voz dos sujeitos de pesquisa não só na seção de análise, mas também como epígrafe, por meio de recortes dos memoriais de formação de seus sujeitos e ainda como citação na seção de referencial teórico.

### 3.2.6 Os elementos de intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade envolvidos na construção da arquitetura autoral da dissertação

Com base nos resultados da análise e na definição de Sobral (2006) com relação aos elementos de intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade, elaboramos um mapeamento da construção atípica da dissertação *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*:



Mapeamento com relação da construção arquitetônica autoral da dissertação com relação à análise dos elementos de intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade. Fonte: Recorte da página 220 da dissertação:

*Uma análise dialógica da arquitetura do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso*

A leitura da figura acima, da direita para a esquerda, mostra que, na construção atípica dessa dissertação, houve intertextualidade, a partir do momento em que se percebe a presença de outros tipos de textualizações (da carta e marcas de narrativa) na textualização dominante (textualização típica dos gêneros acadêmicos). Também houve interdiscursividade, uma vez que é possível identificar dois planos discursivos: o discurso do primeiro nível, que é o discurso dominante nesse caso (discurso da pesquisadora que fala ao destinatário real: a academia) e o discurso do segundo nível (discurso da professora que fala ao destinatário suposto: gestores do sistema de ensino, professores, diretores de escola e demais possíveis leitores do texto). Porém, não há intergenericidade, uma vez que os elementos responsáveis por definir o gênero se mantêm

inalterados: o projeto enunciativo, a situação enunciativa e as posições enunciativas. O gênero não mudou, nem houve a combinação de mais de um gênero.

Só existiria intergenericidade se cartas reais fossem incorporadas à dissertação, o que a análise mostrou que não acontece. Não se trata de cartas reais, mas de simulacros de cartas. Cabe lembrar ainda da definição de Bakhtin, quando fala dos gêneros primários e secundários, em que o autor afirma que os gêneros primários ao serem incorporados pelos gêneros secundários perdem seu estatuto de gênero primário, seu contato direto com a realidade discursiva, passando a integrar o todo discursivo que o gênero secundário que o absorveu realiza, e somente suscitará resposta do interlocutor a partir da leitura do enunciado completo, do todo discursivo, que é a dissertação e não cada carta isoladamente.

### **Considerações Finais**

A análise nos levou a descobrir um percurso metodológico próprio, que partiu sempre do objeto, como nos ensina Bakhtin. Assim, a cada item de análise fomos descobrindo qual seria o melhor caminho para que conseguíssemos explorar de forma satisfatória todas as possibilidades analíticas que iam se desvendando à nossa frente.

A partir da proposta de Amorim, conseguimos chegar ao ponto chave da análise, que serviria de base para a compreensão da construção da arquitetura autoral dessa dissertação, ou seja, os conceitos de destinatário suposto e destinatário real. Chegamos à conclusão de que deveríamos desenvolver a análise partindo da observação do mais amplo, ou seja, do projeto enunciativo da pesquisadora, que consistia em construir sua dissertação utilizando as formas da carta a fim de ser lida para além da banca examinadora e, assim, contribuir para com a área da educação. Desse modo, percebemos que Soligo assumia duas posições enunciativas: a de pesquisadora e a de professora, de modo a dirigir-se a dois tipos de destinatários: a academia (destinatário real) e os gestores dos sistemas de ensino, professores, diretores de escola e demais possíveis leitores do texto (destinatário suposto). Em torno disso se construiu o todo da análise, pois foi a partir daí que compreendemos a construção arquitetônica autoral da dissertação, que assumiu uma forma textual híbrida, mas não intergenérica.

A construção arquitetônica autoral desse trabalho acadêmico não convencional mostrou que vários aspectos textuais típicos do gênero acadêmico foram alterados na escrita dessa dissertação, a partir de marcas da carta e de narrativa, mas a relação enunciativa e o projeto de dizer, isto é, os

elementos responsáveis por definir o gênero, se mantiveram inalterados. A partir do percurso metodológico descoberto e da análise realizada, conseguimos responder nossa questão de pesquisa: se e como é possível que um trabalho constituído composicionalmente por cartas de cunho dito pessoal realize arquitetonicamente o gênero dissertação? Comprovou-se nossa tese de que não está no texto a chave de realização de um gênero, mas em seu projeto enunciativo e nas relações enunciativas que se estabelecem em dado contexto de enunciação. Isso mostra como é possível usar as formas típicas de um gênero em outro, sem que com isso haja alteração do projeto enunciativo do gênero no âmbito do qual se produzem enunciados. Não é o texto que determina o gênero, mas o gênero que determina o tom do discurso que mobiliza o texto.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 7-19, julho/ 2002.

ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na internet*. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ceará, 2006.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2ª Ed., 2003.

CARLINO, P. La escritura en la investigación. Conferencia. *Seminario permanente de investigación de la Maestría en Educación/2005*. UdeSA, 2006. Documento de pesquisa nº 19. Disponível em: <<http://live.v1.udesa.edu.ar/files/EscEdu/DT/DT19-Carlino.pdf>>. Acesso em: 16/07/2015.

CASTRO, R. et al. *Representación de la escritura científico-académica en profesores universitarios*. La Matanza: Departamento de Humanidades y Ciencias Sociales – UNLAM, 2008-2009. Documento de pesquisa A-130. Disponível em: <[http://humanidades.unlam.edu.ar/descargas/4\\_A130.pdf](http://humanidades.unlam.edu.ar/descargas/4_A130.pdf)>. Acesso em: 14/07/2015.

GUIMARÃES, F. T. B. *Uma análise dialógica do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso*. 2015. 234 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Pelotas – RS, 2015.

SOBRAL, A. U. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Elementos sobre a formação de Gêneros discursivos: A fase "parasitária" de uma Vertente do gênero de auto-ajuda*. 2006. 325 f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2006.

SOLIGO, R. A. *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*. 2007. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420293> Acesso em 08/09/2014.

VAREJÃO, J. D. S. F. *Formação continuada e práticas de leitura e escrita com alunos de classes populares: do dialogismo aos gêneros, a responsividade docente*. 2014. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.